

# Um tema para chamar de seu

*William Cerantola*

Escolher um tema e escrever um artigo é sempre um desafio para qualquer autor. Hábito de escrever ajuda muito, mas não assegura que o próximo artigo já esteja pronto em sua mente, mesmo porque a perspectiva, o interesse ou o momento podem trabalhar a favor ou contra a concepção do tema.

A trajetória para a busca do tema, seu propósito e como capturar o interesse dos leitores serão objeto deste artigo.

## Encontrar o propósito

Uma das questões importantes e iniciais está no propósito em escrever. Propósito que tem sua origem no termo latino *speculatio*, que significa observação, contemplação e intenção. Na prática traz como pano de fundo uma combinação sutil entre a perspectiva do autor frente ao potencial interesse que poderá provocar nos leitores.

Reunir a perspectiva do autor e o interesse dos leitores seria facilmente capturado tendo em vista a diversidade de situações diárias que vivenciamos, bastando observar, registrar e propor um novo olhar. Entretanto, nossa rotina diária e uma forma pré concebida de entender o que nos cerca, acaba por limitar a nossa capacidade de percepção do particular e do diferente. Um olhar desnudo sem um pressuposto é muito difícil e requer disciplina e questionamento. De certo modo, relutamos em sair da zona de conforto ao percorrer caminhos já conhecidos e semelhantes àqueles já feitos por autores de referência, renomados ou citados por todos.

Um bom exemplo que ilustra a ausência de um olhar desprezencioso é aquele no qual Karl Popper, filósofo austríaco em teoria do conhecimento, fazia com um simples pedido aos seus alunos em todo início do curso de epistemologia. Solicitava apenas que observassem e registrassem. Poucos segundos depois, vinha a pergunta usual. Observar o quê? Nesse momento está colocada nossa intenção para onde se desvia o olhar.

O sujeito escolhe o que observa, o objeto e suas circunstâncias. Ao olhar escolhemos a forma como olhamos, e a despeito de um grande debate entre os filósofos, é possível militar na mesma frente de especialistas que afirmam que nossa escolha interfere no que observamos, seja pela perspectiva que influencia nosso entendimento, seja pela interação com o objeto da observação.

Exemplo disso está em um dos relatos de Darcy Ribeiro, antropólogo e indigenista. Quando entrevistado sobre a formação do povo brasileiro, comentou que as naus portuguesas, apesar de seu tamanho, não foram avistadas pelos nossos índios junto a praia.

As naus não pertenciam ao universo real ou simbólico daquele povo, e desse modo, literalmente não podiam ser vistas. De certa forma, nossa percepção é o mundo que nos permitimos perceber.

Um novo olhar detem o desafio de superar os filtros que nos acostumamos a usar ao observar, ao mesmo tempo que precisamos empreender um questionamento que traga o diferente, o diverso e o particular.

Mas como trazer uma perspectiva interessante ao tema, seja ele científico ou não? Sempre parece que todos os temas já foram abordados de diversas maneiras, quase que exaurindo possibilidades de um novo olhar. Entretanto, esse novo olhar resiste nas situações e histórias de nosso cotidiano, onde se conjugam pessoas, situações e lugares.

Destacaria o conceito de lugar, que ocupa em nossas mentes e em nossos corações, e que nos conduzem a questionamentos sobre a realidade movendo-nos na direção da busca de uma resposta. Lugar porque em nossa mente preenche espaços de memória, conduz nosso interesse e literalmente nos move numa determinada direção.

O lugar tem a ver com posição (*latim localis* ou *locus*) e como o tema de interesse se apresentou em nossas vidas, quando houve o despertar para uma dada questão e suas relações. Julgamos que elencar os argumentos racionais já sejam por si só suficientes para fundamentar nossa escolha, mas a forma e a intensidade como nos sentimos e nos comprometemos com o tema e seu propósito fazem toda a diferença.

Muito se evoluiu na neurobiologia, entre os vários estudos de especialistas como Antonio Damásio, e já se sabe que o dualismo tradicional entre mente e corpo, ou entre razão e sentimento, foram superados por uma visão científica integrada do ser humano, onde o alinhamento entre razão e sentimento é que permite um melhor entendimento sobre a realidade que nos cerca e a forma como tomamos decisões.

Assim, a escolha do tema sempre traz consigo uma intenção, um propósito e um lugar que ocupa nas ideias e sentimentos do autor, revelados ou não, mas que buscam respostas que possam interessar aos demais leitores.

Este propósito e lugar podem ter sua origem nas experiências vividas no dia a dia ou na busca de uma nova forma de interpretação como aquelas que encontramos em livros infantis quando a realidade e fantasia se confundem.

Um artigo científico traduz outra realidade, cercada por regras e condicionamentos. A produção científica tem um desafio que vai muito além porque implica em conhecer a literatura da área, o que os autores e pesquisas apontam, para daí, então, propor seu ponto de vista, como se tornou usual dizer, sobre os “ombros dos gigantes”. Na prática, significa oferecer uma contribuição individual a partir de autores conceituados que oferecem uma ou mais perspectivas de abordagem.

Aqui, juntam-se os nossos filtros com os de outros, mediados pela metodologia científica, que construtivamente já exploraram possibilidades e apontam interpretações e caminhos. Nesse caso, o desafio é ainda maior quando seu ponto de vista abre novas vielas em ruas asfaltadas pelos argumentos de outros e requer mais sustentação e evidências. O método científico passa a exigir um conjunto de fatos e evidências que permitam que outros possam repetir a pesquisa e confirmar com a mesma conclusão.

Às vezes torna-se difícil abandonar o caminho científico já conhecido e trilhado por outros porque propor um novo olhar significa, indiretamente, questionar o caminho escolhido pelos demais, e ter a necessidade de fornecer ideias, fatos e evidências que justifiquem a nova escolha.

Autores da linha da complexidade, dentre os quais o filósofo e sociólogo francês Edgar Morin, indicam abordagens da transdisciplinaridade no campo das ciências para desvelar as relações ainda escondidas nos fenômenos. Essa maneira alternativa e transdisciplinar poderia superar a perspectiva limitada e condicionada que temos pela fragmentação da realidade por disciplinas, rerepresentando a possibilidade de um entendimento abrangente e integrado sobre as coisas.

Esses autores tem apontado essa segmentação por disciplinas como um dos obstáculos para que novos conhecimentos aflorem e para que conexões subterrâneas entre áreas de conhecimento científico possam auxiliar no surgimento de novas formas de pensamento e proposição de modelos. Uma visão integrada, única e multifacetada auxiliaria a identificar interrelações entre fenômenos e despertar a atenção sobre aspectos não conhecidos.

Significa a aplicação e o exercício de comparações de modelos e abordagens entre diferentes áreas científicas que nos permitam praticar um novo olhar sobre os fenômenos novos ou já conhecidos. Aqui exige um esforço de mergulhar no universo conceitual de cada área científica, entendê-la, para daí reapropriá-la num contexto diverso.

Bom exemplo pode ser encontrado nos conceitos associados a sistemas, que originários das ciências biológicas, foram reapropriados em áreas tão diversas como administração, comunicação e psicologia.

Interessante notar que uma vez que conceitos são reapropriados, passam a ganhar vida própria e percorrem uma trajetória particular nesse outro campo de conhecimento, revelando aspectos que em sua área de origem poderiam estar escondidos, quase que esperando seu momento oportuno para serem revelados.

## Capturar o interesse

Outro aspecto importante está em produzir algo que desperte o interesse nos demais. Se passamos pelo desafio de oferecermos uma perspectiva pessoal por meio de um olhar que possa revelar algo diferente e

novo, temos o esforço de sintonizar essa proposta com os interesses dos públicos que queremos alcançar.

Esse desafio nunca foi pequeno, mas parece que hoje em dia tornou-se ainda maior. No mundo repleto de sistemas de buscas, bases de dados e fluxo contínuo de imagens, textos e sons, capturar a atenção, mesmo por uma fração de segundos, torna-se um desafio de proporções inimagináveis.

Todos detidos em suas telas de celulares, tablets e outros equipamentos de comunicação móvel, concentram-se em tudo, e ao mesmo tempo em nada em particular. Tudo flui e reflui num constante movimento de manter o agora, sem tanto compromisso com o antes e o depois. O tempo encolhe e torna-se o momento, presente e efêmero.

O momento é mediado pela aceitação por meio dos likes e pelos compartilhamentos em redes sociais, consolidando-se como unidades de medida de viralização daquela mensagem, imagem, vídeo ou som, e mais que isso, por aquilo que se torna o mais aceito ou que representa a opinião de muitos. As percepções do que é a opinião da maioria com aquilo que foi mais rapidamente disseminado se confundem. Viralização passou a ser a opinião do momento.

O interesse se torna múltiplo e por isso conectar o seu tema ao que mobiliza seu público naquele dado momento pode fazer toda a diferença. Estar sintonizado com os temas ou histórias cria uma conexão imediata com o seu público e ganha vantagem sobre algo com o qual todos estão interessados ou tem debatido. Um olhar numa perspectiva diferente, sob um novo ângulo, pode chamar a atenção e despertar a curiosidade.

Outra maneira está em relacionar o tema com elementos do futuro, do que está por acontecer, e explorar sob seu ponto de vista os vários desdobramentos. Analisar fatos e oferecer suas interpretações permitem também apresentar perspectivas novas aos eventos conhecidos, iluminando o tema sob um novo prisma.

Pode-se partir de debates que animam seu público de interesse, e neste caso, abordar o tema conectando o que está em pauta com aquilo que constitui o seu propósito e interesse. Talvez o grande esforço esteja em acompanhar a multiplicidade de recortes que seu tema possa encontrar nos vários debates na academia ou fora dela, de forma estruturada ou desestruturada, onde todos são autores e querem compartilhar.

Muito do que se pode criar e argumentar vem da interação ativa com seus interlocutores, seja de forma direta, seja de forma indireta, quando se manifestam sobre as ideias apresentadas, aceitas ou rejeitadas. Algumas vezes a colocação de uma perspectiva instigante provoca mais efeito do que um texto que articule com profundidade. Capturar a atenção é o nome do jogo.

Nesse caso, vale a pena estar atento ao que se debate e o que viraliza, diferenciando um do outro. No debate tende a ocorrer uma maior profundidade e consistência, independente da mídia que se queira considerar. Na viralização não necessariamente uma opinião foi expressa e, muitas vezes, uma resposta a um estímulo. Viralizar representa mais o reflexo do compartilhamento e da participação em tempo real.

Quanto maior a conexão com uma realidade imediata, tanto maior a chance de uma correspondência com os interesses dos seus leitores e interessados no tema. É difícil abordar temas sem sua correlação com fatos, situações ou pessoas. Há uma certa busca de utilidade e aplicabilidade, geralmente necessárias, mas a depender do tema, pode se tornar inócuo.

### **Chamar um tema de seu ou dos outros?**

Para chamar um tema de seu e que possa ser acolhido por todos demanda uma perspectiva instigante e que possa convidar seu público a uma resposta e compartilhamento.

Algo como criar uma linha contínua, e às vezes tênue, entre o propósito, os aspectos pessoais que despertaram para o tema e uma forma de alcançar o público de interesse.

Se estivermos falando de um artigo científico, acadêmico, o público leitor tende a reagir de acordo com os ritos do mundo acadêmico, onde prevalece a necessidade de resgate junto aos autores de referência, abordagens posicionadas dentro do escopo de pesquisas vigentes e uma estrutura de artigo aceita pela comunidade.

Um artigo não científico também tem seus desafios ao estabelecer um fio condutor entre o autor e seus leitores, podendo construir progressivamente uma narrativa na medida em que se conhecem e onde possam criar espaços de interação, direta ou indireta, para observar, conhecer e reagir as ideias, propostas e comentários.

Enfim, podemos escolher um tema, mas muitas vezes o tema nos escolhe e tropeçamos em situações e questões que em nosso dia-a-dia nos desafiam e nos pedem respostas, opiniões ou reações. Pois como dizem, o mundo muitas vezes conspira a favor.

***William Cerantola*** é sócio-diretor da Plexus e professor do CEACOM e GESTCORP (ECA-USP)